

# 0 Colecionador de Erva

Francisco José Viegas

# 1

A PRIMEIRA VEZ QUE ISSO ACONTECERA: 8 de abril de 2003. Um céu limpo e azul, o vento de uma primavera que tardava em atravessar as baías do mar galego. O homem parou o carro junto do muro, ao lado da árvore mais alta, diante daquela paisagem de Turner. Jaime Ramos conhecia Turner através de Rosa, que insistira em fazer dele, não um homem culto, mas alguém preparado para reconhecer a beleza das bibliotecas, o tormento das coisas desconhecidas ou a passagem do tempo, e William Turner fazia parte desse repertório de nomes: nuvens, carregadas ou suaves, tormentas ou sopros de cor. E, por vezes, a explosão de um céu limpo e azul. Portanto, o homem inclinou-se sobre o muro, parecendo debruçar-se para desfrutar daquele cenário de Turner, e só daí a minutos se há de dar conta de que não reconhecia nem o mar, nem o céu, nem o arvoredo de La Guardia, nem o vulto esverdeado de Santa Tecla com os seus caminhos abertos entre pinheiros que cresceram com ordem e geometria, ocupando o lugar dos carvalhos antigos que tinham ardido em verões anteriores.

Outro resumo, para voltar a Turner (Jaime Ramos regressaria a esta imagem quase no final da reconstituição que teve de

fazer para si próprio e para os seus subordinados): corvos marinhos e um mar de ondulação descolorida, como se lhe faltasse aguarela — são cinco e meia da tarde, o sol desaparece aos poucos do outro lado da montanha. Com o verão, o crepúsculo desloca-se para ocidente, descerá ainda mais devagar sobre as dunas, embalará os barcos que, vistos de longe, estão presos a embarcadouros invisíveis. Em Espanha as árvores crescem com mais tenacidade, a floresta é mais densa, como se suspeitassem que de um lado e do outro da fronteira (que era, afinal, um rio ambidextro) havia proteções diferentes contra a erosão — mesmo que se avance até à foz, à invasão da terra pelo mar.

Debruçado sobre a água, parece uma estátua — mas há de mover-se, caminhar, sentar-se no muro onde a luz da tarde termina. Não de encontrar-se dois pescadores que tinham reparado naquela figura imóvel e que descreverão o momento da sua chegada (as declarações de cada um deles foram recolhidas por Isaltino de Jesus, num esforço inútil para completar uma história sem princípio, meio ou fim). Há uma sequência: o Mercedes azul avança entre o arvoredor, freixos e choupos que acompanham a margem do rio; o homem sai do carro, deixando a porta aberta, e dirige-se para o muro de onde se vê toda a foz do Minho; debruça-se sobre a água do rio, como se procurasse alguma coisa; finalmente, senta-se no muro, as mãos sobre os joelhos, imóvel como uma estátua. São cinco e meia da tarde e, àquela hora, a sombra de Santa Tecla — a montanha dos mistérios — toca a margem portuguesa do rio. O homem continua imóvel durante meia hora. Não fuma, não faz um gesto na direção da porta aberta do carro, mal move a cabeça.

Depois, começa a escurecer no dorso da água, anunciando o crepúsculo. Quando os carros começam a acender os faróis no termo da estrada de Caminha, finalmente move-se muito devagar, como se despertasse, retira o telemóvel do bolso do casaco e fala durante algum tempo com alguém. Talvez dois, três, quatro minutos. Desliga o telefone, o crepúsculo cai entre as montanhas e vê-se um bando de estorninhos a afastar-se das dunas, regressando ao interior da serra, rasando as vinhas que sobem pela encosta. Os dois pescadores passam por ele e cumprimentam-no. Dirão depois que notaram um olhar fixo na outra margem do rio, e que murmurou qualquer coisa. «Boa tarde.» Podia ser. Abotoou o casaco, caminhou um pouco junto do muro e parou como se se preparasse para apreciar um cenário que nunca tinha visto antes: a foz; a ondulação perdida do mar, coroadada de espuma; a montanha, como um vulto escuro e indistinto; o arvoredado que o rodeia.

Não sabia como tinha vindo ali parar. Mais tarde, daí a uns dias, quando descrever a sensação ao seu médico, dirá que tinha perdido a memória. Mas naquele momento era só isso: não sabia como tinha vindo ali parar. Jaime Ramos anotou que nunca fora referido esse enquadramento de nuvens, tormentas ou sopros de cor, tudo isso suspenso sobre o céu azul que era uma cúpula de luz sobre a foz do rio Minho. Talvez fosse só invenção sua, num esforço involuntário para agradecer a Rosa.

## 2

O PRIMEIRO CADÁVER FOI ENCONTRADO NA MANHÃ DO SEGUNDO DOMINGO DE MAIO, no interior de um carro abandonado nos limites de um pinhal, junto de uma estrada secundária. O carro fora incendiado com o corpo lá dentro: um homem de meia-idade, acima de cinquenta anos, sentado no lugar do condutor e com as mãos — ou o que tinham sido as suas mãos — algemadas ao volante. A equipa da polícia observou no local que o homem não morrerá das queimaduras que lhe deformaram a parte inferior do corpo, nem por asfixia como consequência do fogo que consumira uma parte do carro. Antes disso, ele tinha sido alvejado. À vista desarmada havia seis feridas. Duas na cabeça (frontal e occipital), uma no ombro esquerdo, uma no peito (à altura do coração) e duas entre as pernas. Só depois disso teria sido algemado ao volante. Parte das roupas fora consumida pelas chamas a partir das calças mas, estranhamente, nem o casaco nem a camisa — branca — arderam por completo. O cabelo tinha desaparecido. O rosto estava irreconhecível, e as órbitas dos olhos eram dois buracos vazios e negros. Havia um depósito de gasolina, de plástico, junto do carro e em princípio tinha sido usado para ajudar a atear o fogo. Um dos polícias assinalou o chão do carro, parcialmente devorado pelas

chamas, e outro confirmou que as pernas do morto e o chão tinham sido regados com gasolina antes de alguém ter acendido um isqueiro ou um fósforo. O tablier não ardera completamente mas o limpa-para-brisas quebrara-se em pedaços, e os painéis de instrumentos tinham derretido com o calor, tal como o teto de plástico e parte dos bancos dianteiros. O que restava do casaco do homem (os ombros, a lapela, uma parte do braço esquerdo) estava coberto de cinza e de manchas de plástico derretido que tinham caído do teto, e da camisa sobrava o colarinho e um pouco de tecido à altura do peito, onde havia manchas escuras de sangue.

Tinha também ficado claro que o assassino (ou assassinos, tanto fazia para já, se bem que fosse difícil apenas uma só pessoa ter preparado aquele espetáculo) regara a manga direita do casaco e as mãos da vítima com gasolina — as mãos tinham sido inteiramente consumidas pelo fogo (eram agora um resto de ossos e de carne carbonizada) e os ossos continuavam algemados à parte superior do volante do carro, um Audi A4 preto, cuja pintura estava ainda visível, à exceção de uma parte do tejadilho, de quase todo o capô e dos pneus dianteiros, que era provável terem sido igualmente regados com gasolina. Felizmente tratava-se apenas de um depósito de dois litros e meio.

O segundo cadáver foi encontrado minutos depois, quando um dos polícias — uma agente à paisana com o cabelo loiro parcialmente escondido por um boné de basebol — abriu o porta-bagagens traseiro: um homem, deitado e dobrado em decúbito dorsal, as mãos amarradas atrás das costas com uma fita adesiva prateada. Estava completamente nu, deitado sobre o lado esquerdo do corpo, voltado para dentro. Tinha uma

tatuagem no braço direito (o único visível) e uma outra nas costas, junto da omoplata direita. A do braço representava uma cabeça de falcão a duas cores, vermelho e negro, um desenho provavelmente militar, memória de uma campanha de guerra; a das costas, uma folha de marijuana com dez centímetros de extensão. Dois tiros na nuca e um no parietal direito tinham provocado uma hemorragia que alagara o tapete cinzento do porta-bagagens. Como a mala do carro não tinha sido atingida pelas chamas podiam ver-se quer o cabelo negro e curto, a pele branca, muito pálida, muito branca, quer a fita adesiva prateada que também servira para amordaçar o homem, que teria mais de quarenta anos, mas menos de cinquenta, boa constituição física e cerca de um metro e oitenta. No pulso esquerdo havia outra tatuagem, uma palavra ou, pelo menos, qualquer coisa escrita com uma caligrafia oriental. As suas roupas não estavam no porta-bagagens nem no interior do carro onde, no banco traseiro, encontraram um taco de golfe e um saco de ginástica preto, que também não tinham sido tocados pelas chamas. O taco estava limpo e sem manchas de sangue; dentro do saco havia uma toalha de banho, uma faca com uma lâmina de 14 centímetros, um estojo de higiene pessoal com escova de dentes, espuma e lâminas de barbear, um champô, um corta-unhas, um desodorizante e uma tablete de Aspirina. Numa das bolsas exteriores do saco de ginástica a agente de cabelo loiro e boné de baseball encontrou uma arma, um revólver Beretta de nove milímetros com dez munições no carregador e uma na câmara. Da outra retirou uma máquina fotográfica digital de uma polegada de espessura e uma faca Caribou guardada na sua bainha, com presilhas que poderiam ajustar-se a um cinto.

Quanto ao pinhal, tratava-se de um quadrado de terra com cerca de cem metros de comprimento e outro tanto de largura, cercado por um muro de granito e com um velho portão de madeira pintado de verde por onde o carro entrara cerca das cinco da manhã. O médico legista informou que talvez fosse essa a hora a que os dois homens teriam sido mortos, pelo menos o que se encontrava na mala, sendo necessário fazer exames mais minuciosos ao corpo que continuava algemado ao volante. Ele era um homem com ar cansado e ligeiramente ensonado, baixo, com uma calvície dianteira incipiente, e estava vestido como se fosse mesmo domingo, com uma camisa xadrez castanha e amarela debaixo de um blazer de bombazina verde, uns jeans demasiado novos e sapatos pretos. Com a tesoura que retirou de uma mala, pousada sobre o chão de terra, cortou uma pequena extensão da manga esquerda do morto sentado ao volante para verificar até onde a pele estava queimada. O corte chegou até ao músculo do antebraço e também aí viu um falcão tatuado a duas cores, idêntico ao do cadáver que nessa altura já tinha sido retirado da mala do carro. Era uma pele branca onde já não havia veias nem reação à pressão dos dedos. Foi nessa altura que o médico se voltou para o polícia que seguia os seus movimentos e repetiu que tudo teria acontecido por volta das cinco horas. Dissera o mesmo depois de fazer o exame prévio ao segundo morto.

Eram naquele momento dez e meia da manhã. Um domingo de maio. O médico guardou a tesoura, fechou a mala e acendeu um cigarro enquanto pontapeava uma pinha velha que sobrara do outono anterior. Ou de outro qualquer.